

PARCERIAS

Estabeleça Conexões
Profundas que Fazem
Grandes Coisas Acontecerem

Jean Oelwang



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2022

Sumário

<i>Introdução</i>	<i>xi</i>
Um	
Seis Graus de Conexão	1
Dois	
Algo Maior	13
Três	
Totalmente Comprometido	37
Quatro	
O Ecossistema	67
Cinco	
Momentos Magnéticos	117

Seis	
Celebrar o Atrito	151
Sete	
Conexões Coletivas	175
Oito	
Interconectado	205
<i>Gratidão</i>	217
<i>Parcerias Plus Wonder</i>	223
<i>Seis Graus de Conexão Simplificada</i>	229
<i>Palavras de Sabedoria e Recursos Colaborativos</i>	233
<i>Imagens dos Seis Graus de Conexão</i>	269
<i>Notas</i>	271
<i>Fotografias: Créditos</i>	285
<i>Índice</i>	287

CAPÍTULO UM

Seis Graus de Conexão

A vida se transforma em bons relacionamentos. Toda a vida.

— Lorde Hastings de Scarisbrick CBE

Em 28 de junho de 2015, André Borschberg e Bertrand Piccard tiveram que tomar a decisão mais difícil de suas vidas.

André estava sozinho¹ no *cockpit* apertado de um avião chamado Solar Impulse, construído para voar ao redor do mundo usando apenas a energia solar coletada em suas 17 mil placas fotovoltaicas. Colada acima dos controles, estava uma foto de sua amada esposa, Yasemin, e de seus três filhos. André estava apenas a algumas horas de um traiçoeiro voo de cinco dias sobre o Pacífico, de Nagoya, Japão, para o Havaí. Bertrand estava no centro de controle em Mônaco, com a sua equipe mundial de engenheiros e cientistas, monitorando todos os aspectos do clima, saúde do piloto e segurança do avião.

Embora o Solar Impulse fosse uma maravilha tecnológica, tinha uma estrutura leve, como ossos de um pássaro, e uma potência de saída apenas ligeiramente maior do que a do primeiro avião dos Irmãos Wright. Não havia espaço para erros. Um erro seria o fim do avião, e provavelmente, o fim de André.

André, empresário, piloto de caça e engenheiro, e Bertrand, psiquiatra, explorador e aviador, dedicaram os últimos doze anos de suas vidas a uma missão compartilhada de mostrar ao mundo as possibilidades de energia renovável ao circunavegar o globo naquele avião alimentado apenas por energia solar. Desde que se conheceram, em 2003, uniram-se no amor à aventura e o compromisso com a energia limpa. Agora os dois amigos estavam se revezando para pilotar cada uma das doze etapas do voo, com André nos controles daquele trecho particularmente longo e difícil para o Havaí.

De repente, André ouviu o bipe do sistema de alerta de emergência. Algo estava errado.

A equipe reuniu-se rapidamente no centro de controle para investigar. Identificando um mau funcionamento elétrico, eles recomendaram fortemente que André virasse o avião e voltasse para o Japão, em vez de arriscar o voo de cinco dias. Eles sabiam que, além dos riscos técnicos, André já estaria ultrapassando os limites da resistência humana dormindo em períodos de vinte minutos, ou cerca de três horas por dia. O bipe de emergência constante colocaria em risco até mesmo isso.

Depois de um mês preso na China, uma parada inesperada no Japão, devido ao clima, e duas tentativas anteriores de atravessar o Pacífico, frustradas por tempestades, André e Bertrand ficaram preocupados. Eles sabiam que dar a volta agora provavelmente sinalizaria o fim de sua missão compartilhada de ajudar a impulsionar o mundo em direção à energia solar.

Pelo telefone via satélite, os dois amigos repassaram todos os riscos potenciais. A confiança e respeito um pelo outro, construídos ao longo de anos de trabalho em conjunto, e a crença na qualidade do avião que havia sido construído amorosamente por sua equipe, prepararam-nos para esse momento difícil. Eles conversaram calmamente sobre os riscos em um ambiente controlado, sabendo que tinham o apoio um do outro.

Apesar da calma de Bertrand e André, o que restava de tensão da equipe na sala de controle, enquanto esperavam pelo resultado, era palpável.

Bertrand desligou o telefone e anunciou sua decisão: “Vamos em frente. Vamos atravessar o Pacífico.”

Cinco dias depois, André desembarcou com sucesso no Havaí. O primeiro voo solar a fazer a travessia do Pacífico, e o voo solo mais longo da história, aconteceu.

No entanto, eles ainda tinham aproximadamente 14.100 quilômetros para percorrer e muitos outros desafios para enfrentar. Eles continuaram a pilotar o avião durante o ano seguinte para completar sua missão global. Em 26 de julho de 2016, Bertrand completou a etapa final e desembarcou em Abu Dhabi, onde abriu o *cockpit* do avião e abraçou André. Estavam na mesma pista onde, dezesseis meses antes, Bertrand o havia cumprimentado no início da viagem com as palavras: “Tenha um bom voo, André, meu amigo, meu irmão solar.”

Ao longo de doze anos, eles lidaram com desafio após desafio, juntos. Nenhum deles poderia ter feito isso sozinho, como cada um admite.

Não que construir a relação deles não fosse um trabalho árduo. Eles tiveram que aprender a compartilhar crédito, como transformar desacordos no que eles chamaram de “faíscas” de aprender algo novo

(ver capítulo seis) e como trabalhar juntos por períodos prolongados em situações de alto risco.

Esse trabalho árduo valeu a pena, não só no sucesso do Solar Impulse e na promoção de energias renováveis, mas também numa relação significativa e profunda, que mudou ambos para melhor.

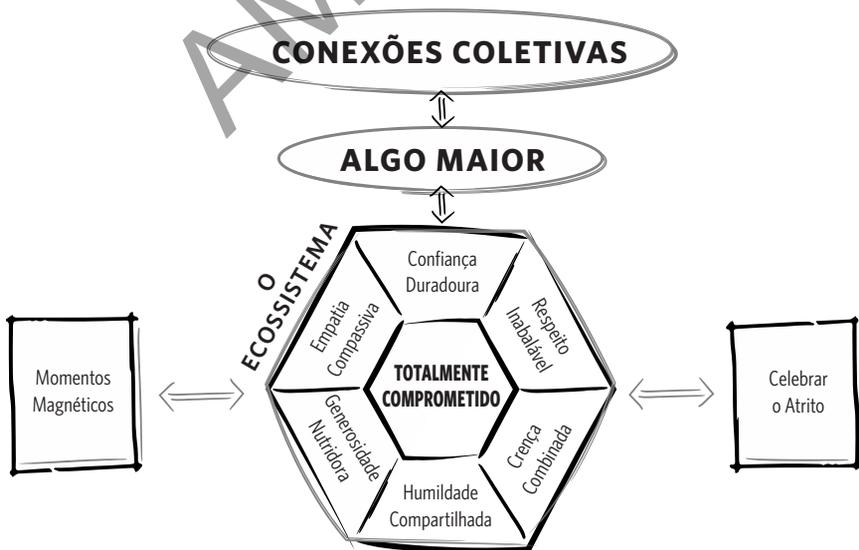
As histórias deste livro — o primeiro voo solar a circunavegar o globo, fechar o buraco da camada de ozônio e criar negócios a partir de relacionamentos duradouros como Airbnb e Ben & Jerry's — têm algo importante em comum: uma estrutura cristalina para construir parcerias significativas. Essa estrutura, que chamei de Seis Graus de Conexão, é o resultado de quinze anos de pesquisa, codificação e síntese de centenas de páginas de entrevistas para capturar mais de 1.500 anos de sabedoria e experiência coletiva de mais de 60 parcerias e colaborações bem-sucedidas.

Aqui está uma rápida visão geral da estrutura que será desdobrada por intermédio das histórias de parceria neste livro:

- **Primeiro Grau: Algo Maior** – Alavanque o seu propósito valendo-se de parcerias significativas. Aprofunde a sua conexão tornando-se parte de algo maior.
- **Segundo Grau: Totalmente Comprometido** – Sinta-se seguro na relação e saiba que vocês têm 100% de apoio um do outro a longo prazo. Isso lhe dá a liberdade e a confiança para fazer algo maior.
- **Terceiro Grau: O Ecossistema** – Permaneça comprometido por meio de um ecossistema moral, vivo com a prática diária de seis virtudes essenciais. Estas são Confiança Duradoura, Respeito Mútuo Inabalável, Crença Combinada, Humildade Compartilhada, Generosidade Nutridora e Empatia Compassiva. Com o tempo, elas se tornam respostas

reflexivas, criando um ambiente de bondade, graça e amor incondicional.

- **Quarto Grau: Momentos Magnéticos** – Mantenha-se conectado e fortaleça seu ecossistema por meio de práticas, rituais e tradições intencionais que mantêm viva a curiosidade e a admiração, criam espaço para uma comunicação sincera, geram alegria ilimitada e constroem uma comunidade de apoio mais ampla.
- **Quinto Grau: Celebrar o Atrito** – Tire o calor do conflito e o transforme em uma oportunidade de aprendizado. Acenda faíscas de combustão criativa para soluções compartilhadas e maior conexão, permanecendo comprometido e focado em algo maior.
- **Sexto Grau: Conexões Coletivas** – Estrutura de princípios do design para dimensionar colaborações, com as Conexões Profundas no centro como modelos, polos de impulso e tecido conjuntivo.



Todos os Seis Graus estão interconectados, então, dominar um realmente ajudará você a dominar os outros e aprofundar seus relacionamentos. Contudo, se você dominar um e ignorar outro, colocará sua parceria em risco. É claro que, mesmo com essa estruturação, todos cometeremos erros — nenhum relacionamento é perfeito. A chave é ter o conhecimento para corrigir o curso e a coragem de aceitar os erros uns dos outros.

Os relacionamentos neste livro dificilmente são coisas de contos de fadas. Eles são confusos e complicados, e têm seus próprios desacordos e sofrimentos. Eles exigiram paciência, aceitação, confiança e trabalho árduo. Entretanto, a perseverança consciente valeu a pena, porque as pessoas nessas parcerias de mudança de vida e mundo aprenderam a celebrar graciosamente suas diferenças e navegar no conflito, em grande parte, porque seus relacionamentos estão firmemente ancorados em um propósito significativo.

Quando entrevistei o Presidente Carter e sua esposa, eles calmamente me disseram o quão perto haviam chegado de se divorciar (eles não podiam nem usar essa palavra durante nossa conversa, por respeito um ao outro), quando, ironicamente, estavam escrevendo um livro sobre compartilhar o resto de suas vidas juntos. Uma das partes mais bonitas dessa entrevista foi observar os Carters discutindo amorosa e sinceramente esse período doloroso no casamento de sete décadas. Eles passaram por tempos difíceis e mantiveram o vínculo forte, como você verá no capítulo três.

Este livro está repleto de ricos conhecimentos de pessoas profundamente conectadas como os Carters, mas não se trata de identificar o parceiro perfeito por meio de uma lista cuidadosamente desenvolvida de atributos ou algoritmos, nem se trata de encontrar a solução certa para parcerias. No entanto, oferece percepções práticas e pessoais

profundas de algumas das melhores e mais duradouras combinações do mundo.

Em última análise, o objetivo é ajudá-lo a construir conexões profundas em todos os aspectos de sua vida. Trata-se de relações que definem quem você é e multiplicam o seu impacto positivo no mundo.

Sei que adotar, internalizar e praticar alguns dos comportamentos de parceria compartilhados no quadro de Seis Graus de Conexão não será fácil. Mudar para uma mentalidade de parceria é como uma ginasta solo estabelecida deixar uma equipe olímpica e se juntar a uma trupe de trapezistas, que devem confiar uns nos outros com as suas vidas.

De início, quero compartilhar alguns erros comuns que as pessoas cometem ao tentar nutrir relacionamentos mais profundos.

As armadilhas

Não existe uma relação perfeita, de conto de fadas, em que nada dê errado. Devemos começar por desaprender muito do que nos foi dito. Começando na infância, somos ensinados a procurar nosso príncipe ou princesa encantados, com quem nos encaixamos como uma luva, para que possamos viver felizes para sempre. Na escola, somos encorajados a procurar amigos que se pareçam e ajam como nós, que nos entretenham, nos sigam nas redes sociais e nos façam sentir parte da multidão. No trabalho, somos ensinados a encontrar as pessoas e empresas com as melhores ideias, os produtos vencedores, os maiores pacotes de remuneração — os próximos unicórnios. Pouca energia é colocada em nos ensinar como encontrar e construir relacionamentos diversos em todos os aspectos de nossas vidas, com aqueles que são diferentes de nós e nos desafiarão a nos tornar pessoas melhores — que

nos apoiarão e a quem apoiaremos em troca — em nosso caminho para alcançar uma missão maior.

À medida que investimos em relacionamentos mais profundos, também precisamos ficar de olho no oposto das Conexões Profundas — os relacionamentos que nos arrastam para baixo, afastando-nos de nossa missão na vida. Cuidado com as pessoas que fazem você perder a confiança, colocam seus próprios interesses acima de tudo, corroem a sua capacidade de confiar nos outros, esmagam os seus sonhos e alimentam os seus medos. Todos nós estivemos presos na areia movediça de relacionamentos negativos que subtraem do precioso tempo que temos neste mundo para fazer a diferença para os outros.

Com base nos conhecimentos de coaches de negócios, psicólogos e outros especialistas em relacionamento, identifiquei as cinco armadilhas a seguir que nos impedem de criar Conexões Profundas. Não surpreendentemente, elas se correlacionam amplamente com os Seis Graus de Conexão:

1. **Falta de significado compartilhado** – A primeira coisa que inviabiliza relacionamentos é a incapacidade de encontrar significado compartilhado.
2. **Desequilíbrio de compromisso** – Quando um parceiro parece ausente do relacionamento, ou alguém sente que está investindo mais tempo e energia do que o outro, a conexão sofre.
3. **Valores incompatíveis** – A falta de valores compartilhados pode terminar um relacionamento antes de ele realmente começar.
4. **Montanha-russa de conflito** – Nada extrai mais energia positiva de uma parceria do que o drama repetitivo.

- 5. Síndrome de super-herói** – Somos tão programados para sermos líderes individuais que os outros, muitas vezes, simplesmente sentem que não estamos junto deles, *com* eles. Com esse isolamento, vem uma mudança no compromisso, uma falta de responsabilidade e o fim de qualquer tentativa de colaboração.

Não há uma resposta perfeita para onde você pode encontrar conexões significativas. A boa notícia é que existem oportunidades em todos os lugares, mas apenas se dedicarmos um tempo para desacelerar, conectarmo-nos e estarmos presentes quando conhecermos novas pessoas. Muitas das parcerias neste livro se reuniram aleatoriamente — na escola, no trabalho, em um encontro às cegas, em uma batalha de poesia, em uma galeria de arte, em um tribunal, na savana africana, em suas próprias famílias e, se acontecer de você ser tão afortunado quanto o Presidente Carter e sua esposa, vizinhos ao nascer.

O que é importante é investir cuidadosamente tempo na identificação e criação de um grupo diversificado de Conexões Profundas e aprofundar esses relacionamentos importantes. Richard Reed, cofundador da Innocent Drinks, sobre a qual você aprenderá mais no capítulo cinco, diz: “A decisão mais importante que você vai tomar é com quem você escolhe passar a vida, pessoal ou profissional. Não somos nada mais do que o somatório de nossos relacionamentos. Por isso, escolha com sabedoria!”

As Conexões Profundas também o ajudam a definir seu propósito. Elas mantêm você no caminho certo quando as coisas ficam difíceis e, por sua vez, criam relacionamentos muito mais resilientes e significativos. Embora a finalidade e as parcerias se reforcem constantemente, elas muitas vezes têm o benefício adicional de derrubar as barreiras defeituosas que colocamos entre o trabalho e a vida. Como Beverly

Joubert, cofundadora da Iniciativa Big Cats, me disse: “Quando você encontra sua paixão principal, ela se torna uma parte de sua vida — não apenas ‘trabalho’ que o separa do resto da vida.”

Criamos um falso mito de que o trabalho e as relações pessoais devem ser mantidos separados. Quando nos afastamos e refletimos sobre tal ideia, não faz qualquer sentido. Passamos mais de 33% de nossas vidas no trabalho; se não investirmos em Conexões Profundas, que podem trazer maior significado para um terço de nossas vidas e além, estamos perdendo uma grande oportunidade.

Quando aplicamos as mesmas habilidades que usamos na construção de amizades em um ambiente de trabalho, nossas conexões ali se transformam de transacionais e orientadas a objetivos, em obter verdadeira profundidade e propósito. Em última análise, essas Conexões Profundas também criarão negócios melhores. Richard Reed começou seu negócio com os três melhores amigos, e dezoito anos depois, eles ainda são melhores amigos. Todavia, ele ainda é questionado se é estranho fazer negócios com os amigos. Ele sempre responde: “Não é estranho *não* fazer negócios com seus amigos?”

Criar Conexões Profundas aumenta a oportunidade de pensamento diversificado e abordagens mais robustas para quaisquer desafios que decidamos assumir. Obviamente, não há um número, forma ou tamanho definido de Conexões Profundas. A amplitude das parcerias que estudei me mostrou que as habilidades para construir um relacionamento forte são consistentes, seja em uma amizade, parceria de negócios ou parceria romântica (ou, em alguns casos, todos os três em um).

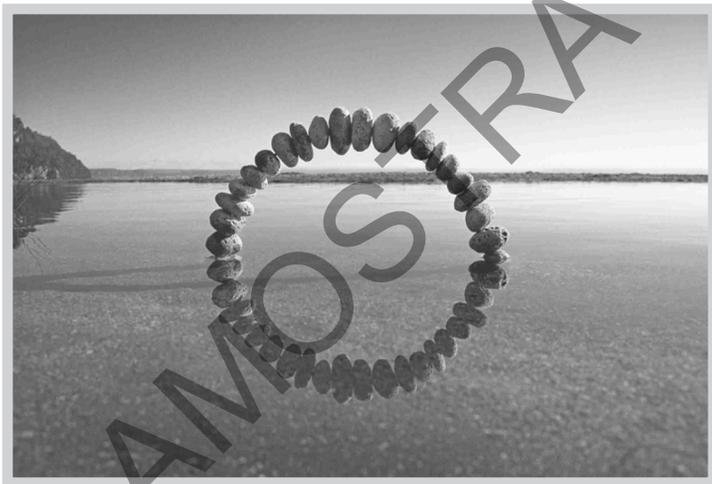
Algumas pessoas têm só uma Conexão Profunda, enquanto outras têm diversas — o número não é importante; a profundidade é. Há também um *continuum* profundo em todos os relacionamentos: alguns em uma extremidade como suas conexões mais profundas e outros na extremidade oposta, aqueles com quem você pode ter um

relacionamento fugaz. Nutrir suas Conexões Profundas ajudará a tornar todos os seus relacionamentos o mais significativos possível, ensinando cada interação com confiança, respeito e curiosidade como segunda natureza.

Nossas Conexões Profundas nos trazem significado, amor e amizades de volta — uma chance de nos tornarmos a melhor versão possível de nós mesmos e de criar um impacto positivo significativo.

Elas também são a chave para muitas das colaborações que mudaram a forma do nosso mundo para melhor.

AMOSTRA



CAPÍTULO DOIS

Algo Maior

Primeiro Grau de Conexão

Não há um único super-herói; nenhum indivíduo é forte o suficiente sozinho.

— Jim Roth, cofundador da
Investimentos LeapFrog

O professor Frank Sherwood Rowland entrou pela porta da frente. Sua esposa, Joan, ainda se lembra de como ele reagiu quando ela perguntou como estava o trabalho. “Está indo muito bem”, disse ele. “O único problema é¹ que acho que é o fim do mundo.”

O professor Rowland iniciou o programa de química na Universidade da Califórnia, Irvine, em 1964. Ele iniciava uma família e estava profundamente apaixonado por Joan. Com 1,95 m de altura, ele jogou basquete no Ohio Wesleyan. Seu humor e afabilidade há muito

lhe renderam o apelido de “Sherry.” Ele era muito admirado pelos estudantes de química que vieram para a UCI trabalhar com ele. Um desses alunos foi Mario Molina, da Cidade do México, que ingressou no programa de pós-doutorado de Sherry em 1973 e com quem Sherry descobriria o que realmente parecia o fim do mundo.

Nunca tive a oportunidade de conhecer Sherry, mas tive a sorte de fazer uma videoconferência com Mario de sua casa, no México, apenas alguns meses antes de ele falecer em 2020. Afetuoso e de fala suave, Mario tinha uma afeição evidente e transbordante, e um profundo respeito por Sherry. Era um cientista acadêmico dedicado e extremamente focado. Em contraste com o comportamento discreto de Mario, Sherry, embora um pouco tímido, tinha uma personalidade confiante que correspondia à sua estatura física. No entanto, apesar das diferentes maneiras de ser, o futuro deles logo se tornaria entrelaçado de um modo tal que nem poderiam ter imaginado. “Tínhamos personalidades muito diferentes, mas nos tornamos amigos muito próximos”, Mario compartilhou comigo.

Quando chegou ao Departamento de Química da UCI, Mario procurava um desafio e, juntos, ele e Sherry decidiram que se concentrariam na química atmosférica, abordando a questão de quais seriam as consequências dos clorofluorcarbonetos no ambiente. Os clorofluorcarbonos, ou CFCs, estavam em tudo, desde refrigeradores a pesticidas, condicionadores de ar, desodorantes e spray de cabelo. O interesse de Sherry em CFCs foi despertado quando ele aprendeu sobre o trabalho do químico britânico James Lovelock², o primeiro a concluir que os CFCs permaneciam na atmosfera à deriva, ao redor do planeta, por muito mais tempo do que alguém havia imaginado anteriormente.

Suspeitando de que poderia haver mais coisas nessa história, Mario passou meses examinando os dados publicados, executando cálculos e conversando com Sherry. Em pouco tempo, os dois cientistas sabiam que estavam atrás de algo, mas o que descobriram era quase difícil de acreditar: os CFCs eram transportados por correntes de vento

para a estratosfera, onde atuavam como catalisadores, desintegrando a camada protetora de ozônio da Terra. Sem esse escudo invisível, a força destrutiva da radiação ultravioleta do Sol causaria um aumento significativo no câncer de pele e catarata, comprometeria o sistema imunológico humano, destruiria os ecossistemas e causaria estragos na agricultura. “Minha primeira reação foi que devia haver algum engano”, disse Mario. Ele ficou atordoado que os CFCs poderiam ser a fonte de tais danos catastróficos. Como todo avanço científico, este foi um dos grandes. Nada menos que o futuro da humanidade e da vida na Terra estava em jogo.

Sherry e Mario encontraram o “algo maior” compartilhado, que era tão importante que sentiram uma necessidade urgente de soar o alarme. Em 1974, eles publicaram o seu primeiro artigo sobre CFCs na revista científica *Nature*³. Ali, levantaram a hipótese de que os CFCs permanecem na atmosfera por 40 a 150 anos. Eles alertaram que, quando os CFCs atingem a estratosfera, a radiação ultravioleta do Sol os faz se decompor e liberar cloro, o que, por sua vez, causa uma reação em cadeia que destrói a camada de ozônio a uma taxa alarmante. Eles esperavam que o artigo da revista estimulasse o mundo a se mobilizar imediatamente para salvar a humanidade.

Em vez disso, quase ninguém quis acreditar neles.

Embora a maioria dos cientistas possa ter publicado os seus resultados e recuado, Sherry e Mario perceberam que havia muito em jogo; eles não podiam permanecer em silêncio, então foram na direção oposta: começaram a usar os seus dados científicos para mobilizar políticos, líderes empresariais, a mídia e o público. Como esperado, eles foram atacados pelas empresas que estavam se beneficiando da indústria multibilionária do CFC. Os executivos desconsideraram as descobertas de Sherry e Mario, acusando-os de estarem atrás de publicidade. O que eles não esperavam⁴ era o ataque de seus colegas cientistas, que consideravam impróprio que especialistas acadêmicos tomassem uma posição e defendessem a mudança.

Mas eles não foram dissuadidos. “De que adianta⁵ ter desenvolvido uma ciência boa o bastante para fazer previsões se, no final, tudo o que estamos dispostos a fazer é ficar parados e esperar que elas se tornem realidade?”, disse Sherry a um repórter do *Newsday*. Como cientistas, Sherry e Mario foram conectados por sua descoberta conjunta. Como seres humanos, eles encontraram uma profunda conexão ao longo da vida um com o outro e com uma missão maior de alertar o mundo para o perigo dos CFCs e salvar a humanidade e o planeta.

Além de Nós

Muitas vezes, confundi o propósito com um empreendimento solo, mas as coisas mais significativas acontecem quando as pessoas se juntam, como pequenos riachos se fundindo em um rio poderoso. Às vezes, isso pode levar a algo maior para o mundo, como fez com Mario e Sherry, dois cientistas que compartilharam algo maior que salvou a humanidade.

O propósito se multiplica por meio de nossos relacionamentos e aprofunda nossas conexões, mas apenas se formos capazes de parar de perguntar o que podemos obter de nossos relacionamentos e começar a perguntar o que podemos dar ao mundo por meio deles. Ao fazer isso, os indivíduos se amoldam e se transformam em algo maior juntos — seja uma missão pessoal, compartilhada ou um pouco de ambas.

Eu sabia, quando comecei a entrevistar parceiros para este livro, que eles tinham um viés de impacto positivo. Afinal, eu os selecionei porque os seus relacionamentos permitiram que eles fizessem uma diferença maior no mundo do que poderiam ter por conta própria. Então, não fiquei surpresa com esse propósito apresentado nas entrevistas; o que me impressionou foi que ele não apenas era destacado, ele *dominava*.

As pessoas usaram palavras diferentes para descrever o propósito: “um objetivo audacioso”, “uma missão”, “uma estrela-guia”. Mas

repetidamente as ouvi dizer que alcançaram algo maior, um resultado que foi além de si mesmas, de suas parcerias e de suas organizações.

Quando comecei a descascar as camadas de “algo maior”, ficou claro que o propósito também era um fator central na longevidade e profundidade das relações dos entrevistados. Suas experiências mostram como as metas que são maiores do que os membros individuais de uma parceria ampliam o foco além dos conflitos superficiais e para um reino de Conexão Profunda. Um desejo de sucesso coletivo, em última análise, ajuda os relacionamentos a enfrentarem altos e baixos inevitáveis. Por sua vez, as pessoas nesses relacionamentos sólidos, de longo prazo, podem robustecer o seu impacto compartilhado ou individual, responsabilizando-se mutuamente e apoiando um ao outro.

Como você verá nas histórias dessas parcerias, “algo maior” atua como a base para um relacionamento florescente e duradouro — e uma vida significativa para si e para os outros. Essas histórias também nos ajudam a entender que esse não é um objetivo final estagnado e perfeitamente empacotado. É uma evolução contínua que toma forma ao longo do tempo, que suas parcerias podem ajudá-lo a descobrir e aperfeiçoar. Também não tem de mudar o mundo. Cada indivíduo precisa encontrar o caminho que lhe trará significado e que alavancará os seus dons únicos.

Um Propósito Partilhado Irreprimível

Durante décadas, o implacável sistema de apartheid do governo sul-africano controlou a maioria negra do país por meio de legislação racista que institucionalizou políticas supremacistas brancas. Os negros tinham que carregar uma caderneta [uma espécie de passaporte com informações pessoais] em todos os momentos, não tinham acesso à educação de qualidade, só podiam viver em certas áreas e não tinham permissão para se casar com pessoas brancas. A segregação foi

inserida em todos os aspectos da vida; essas políticas atrozes, e centenas de outras mais, exploraram os negros e os mantiveram na pobreza e traumatizados.

Em outubro de 1963, o Julgamento de Rivônia⁶ começou como uma tentativa de reconquistar e prender os principais líderes do movimento antiapartheid, incluindo Nelson Mandela. O governo queria sufocar o crescente movimento global e silenciar suas vozes mais altas, mas, no final, o oposto aconteceu. Durante o julgamento, Mandela fez um emocionante discurso de três horas sobre o seu compromisso com uma sociedade livre, terminando com as palavras: “Se for necessário⁷, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer.”

No início da década de 1990, o regime brutal foi encerrado pela força global coletiva. No centro dessa força, estava um grupo de amigos que havia estabelecido Conexões Profundas e inquebráveis ao longo de décadas de atrocidades e perdas. Esse grupo incluía líderes como Walter Sisulu, Albertina Sisulu, Oliver Tambo, Ahmed Kathrada, Nelson Mandela, Arcebispo Tutu, Leah Tutu e muitos outros. Eles inspiraram uma rede distribuída de movimentos de resistência que formaram uma força nacional e global crescente, liderada por estudantes, sindicatos, grupos religiosos e muitos outros coletivos. Tornou-se um dos melhores exemplos que o mundo já viu de um conjunto de ligações que partilhavam um único objetivo comum: acabar com o apartheid.

Pouco depois da morte de Nelson Mandela, em dezembro de 2013, testemunhei o amor e a força duradoura do grupo de amigos quando participei de uma celebração da vida de Mandela, organizada pela Fundação Nelson Mandela, na África do Sul. Centenas de pessoas se amontoaram em uma pequena tenda e, apesar da chuva que caía em nossas cabeças e encharcava a grama sob nossos pés, houve uma explosão de alegria na multidão. Um após o outro, os heróis antiapartheid restantes — agora, principalmente, na casa dos setenta e oitenta anos — subiram ao palco para prestar homenagem e oferecer tributos a um homem extraordinário.

Eles brilharam com amor um pelo outro quando saíram do palco e se abraçaram. Voltei-me para um de seus familiares sentado ao meu lado e perguntei como é que aqueles heróis ainda podiam ser tão positivos e conectados depois de toda a dor que lhes foi infligida pelo regime do apartheid.

A mulher nem pestanejou. “Eles tinham duas coisas que lhes permitiam derrubar o apartheid”, disse ela. “E ambas as coisas os mantiveram ligados por toda a vida. Uma delas era um propósito claro. E a outra era um profundo respeito e amor um pelo outro.” E continuou: “Qualquer um deles poderia ter desempenhado o papel de Mandela, mas, em vez disso, cada um desempenhou o papel que o coletivo mais amplo precisava que eles desempenhassem.”

O Arcebispo Tutu foi um dos heróis — um membro desse grupo de amigos — que subiu ao palco frágil e escorregadio naquela noite, em seu longo manto roxo, para compartilhar um tributo. Como de costume, o Arcebispo levou a sala às lágrimas com sua combinação de humor e compaixão ardentes.

As realizações do Arcebispo Tutu são merecidamente bem conhecidas: ele se levantou repetidamente contra a tirania do apartheid e liderou a desoladora Comissão da Verdade e Reconciliação⁸ de forma corajosa. O que não ouvimos o suficiente foi a Conexão Profunda que o fez passar por tudo isso, a força da natureza que era seu anteparo quando ele hesitava, sua parceira de vida, que ajudou a derrubar o apartheid — a maravilhosa Leah Tutu. Em julho de 2021, eles celebraram seu 66º aniversário de casamento e uma vida inteira de levantar um ao outro.

Desde o momento em que me sentei para entrevistar os Tutu, eles estavam brincando, rindo e provocando um ao outro. A sala estava lotada e barulhenta, mas tudo ficou ao fundo. O amor entre esses dois grandes seres humanos soava maravilhoso quando falaram sobre como se conheceram, como sofreram juntos sob o regime cruel e como seu amor os manteve seguindo em frente.

Então, de repente, o Arcebispo Tutu ficou em silêncio. Ele se virou para Leah e disse: “Certa vez, um dos ministros do governo do apartheid disse: ‘O problema com Desmond Tutu é que ele fala demais’, e então, quando cheguei em casa naquele dia, eu disse a Leah: ‘Você quer que eu fique quieto ou o quê? Acha que eu falo demais?’ Ela disse que preferia que eu fosse [preso e] feliz na Ilha Robben do que livre e quieto lá fora.”

Ele então passou a falar sobre como ele realmente não se importava com quem mais o respeitava. Ele só se importava com o que Leah pensava dele. “Quero dizer, eu poderia fazer um discurso e ser aplaudido de pé, não sei por quê”, disse ele, “mas até Leah dizer: ‘Oh, isso não foi tão ruim’, eu fico apreensivo.”

Então ambos gargalharam.

Leah e Arch, como muitos o chamam, foram capazes de continuar lutando durante os anos do apartheid por causa de sua Conexão Profunda. Quando um estava caído, o outro o colocava de pé. Juntos, eles eram, e permanecem, uma força de amor incondicional, alegria e compaixão.

Eles são os primeiros a admitir que o seu relacionamento é um trabalho em constante andamento e que o romance não é automático. A toda hora, trocam palavras gentis, pequenos presentes e “tratam com gentileza um ao outro”. Eles também protegem com afinco o seu tempo juntos. Quando se casaram, saíam para compartilhar uma xícara de café. Depois podiam pagar duas xícaras de café, e então eles passaram para peixe e batatas fritas. Durante um de seus muitos ataques de riso, eles compartilharam que adoram proporcionar alegria um ao outro, mas, às vezes, não atingem o objetivo. Eles então acabam decepcionando um ao outro e têm que se lembrar de transformá-lo em um “ponto de crescimento”.

Eles desenvolveram essa reciprocidade ao longo de 66 anos enquanto suas vidas passavam pelas fases de formar uma família, mudança e

troca de emprego, tudo isso mantendo o seu espírito de ubuntu, como o Arcebispo adora dizer. O ditado africano significa “Eu sou porque você é.”

O propósito compartilhado deles, que começou com o fim do apartheid, corresponde a uma forma de luta para que cada ser humano tenha a chance de viver uma vida digna. E eles vivem fielmente esse propósito em cada conexão humana e interação, mesmo nos momentos mais mundanos, como quando estão viajando de carro e veem um estranho penosamente subindo a estrada a pé. Leah gritará: “Pare e dê uma carona para ele até lá no alto.” Nunca me esquecerei de, certa vez, estar no aeroporto com o Arcebispo. Quando um grupo de funcionários tentou levá-lo direto à frente do portão de embarque, ele educadamente se recusou, brincando que não queria furar a fila, pois isso poderia interferir com suas chances na fila mais importante, a do céu.

Em cada encontro social, em vez de se preocuparem com as chamadas pessoas importantes, o Arcebispo e Leah se concentram em reconhecer e celebrar as pessoas que servem as refeições, limpam os quartos e preparam as reuniões. Eles estão sempre conscientes da presença de todos ao redor, especialmente quando se trata daqueles cujas vozes podem não ser ouvidas regularmente. Estão lá, prontos para dar uma mão amiga ou uma palavra gentil a quem precisa. Essa generosidade de espírito eleva a sua parceria e todos à sua volta. É a personificação viva de seu algo maior compartilhado.

A parceria de Arch e Leah é baseada na cooperação, afirmação e riso contagiante, que só foi fortalecida pela dureza e miséria dos anos do apartheid. Leah compartilhou o que chamou de “incerteza” de não saber se Arch estava voltando para casa, ou se ele tinha sido preso, ou estava em algum tipo de problema. Cada vez que ele entrava pela porta, ela dizia que havia esse sentimento de leveza, profundo apreço um pelo outro, e um fortalecimento de seu compromisso de acabar com o apartheid.